

Decolonialidade e Estudos em Administração: A Contribuição da Dialética da Ninguendade de Darcy Ribeiro

Autoria

Fãbio Moita Louredo - f_louredo@yahoo.com.br

PPGA/UNIGRANRIO - Universidade do Grande Rio

PROGEPE/UFF - Universidade Federal Fluminense

Luiz Fernando de Almeida Pereira - luiz.almeida.rj@gmail.com

PPGA/UNIGRANRIO - Universidade do Grande Rio

Resumo

A gestão das organizações brasileiras tem passado por constantes transformações, grande parte delas informadas pelo fenômeno da globalização que possibilitou um maior compartilhamento de conhecimento. No entanto o que se vê é uma dicotomia entre o Norte e Sul, tendo o hemisfério norte um caráter hegemônico na produção de conhecimento em administração. Este conhecimento de caráter universalizante ignora as idiosincrasias da sociedade e cultura brasileira, tendo como consequência a homogeneização nas práticas políticas, econômicas, sociais, culturais e científicas. No campo dos estudos organizacionais parece incongruente analisar nossas práticas, costumes, cultura e organizações singulares desprezando o pensamento local. Temos na figura de Darcy Ribeiro uma importante contribuição em suas reflexões sobre a condição de ninguendade inerente ao brasileiro. Sob o olhar da crítica decolonial, busca-se levantar discursos alternativos que possam descolonizar os estudos e práticas organizacionais na administração brasileira. Percebemos a manifestação contemporânea da ninguendade descrita por Darcy Ribeiro no campo organizacional, a ausência de identidade, representada dialeticamente pelo não ser. Concluimos que os estudos em administração/gestão devem focar nos processos de desreificação e desenvolvimento do conhecimento através da formulação de novos modos de engajamento que permitam aos sujeitos buscar interesses e objetivos atualmente excluídos pelos discursos dominantes sobre administração.

Decolonialidade e Estudos em Administração: A Contribuição da Dialética da *Ninguendade* de Darcy Ribeiro

Resumo: A gestão das organizações brasileiras tem passado por constantes transformações, grande parte delas informadas pelo fenômeno da globalização que possibilitou um maior compartilhamento de conhecimento. No entanto o que se vê é uma dicotomia entre o Norte e Sul, tendo o hemisfério norte um caráter hegemônico na produção de conhecimento em administração. Este conhecimento de caráter universalizante ignora as idiossincrasias da sociedade e cultura brasileira, tendo como consequência a homogeneização nas práticas políticas, econômicas, sociais, culturais e científicas. No campo dos estudos organizacionais parece incongruente analisar nossas práticas, costumes, cultura e organizações singulares desprezando o pensamento local. Temos na figura de Darcy Ribeiro uma importante contribuição em suas reflexões sobre a condição de *ninguendade* inerente ao brasileiro. Sob o olhar da crítica decolonial, busca-se levantar discursos alternativos que possam descolonizar os estudos e práticas organizacionais na administração brasileira. Percebemos a manifestação contemporânea da *ninguendade* descrita por Darcy Ribeiro no campo organizacional, a ausência de identidade, representada dialeticamente pelo *não ser*. Concluimos que os estudos em administração/gestão devem focar nos processos de desreificação e desenvolvimento do conhecimento através da formulação de novos modos de engajamento que permitam aos sujeitos buscar interesses e objetivos atualmente excluídos pelos discursos dominantes sobre administração.

Palavras-Chave: Decolonialidade; Estudos organizacionais; Darcy Ribeiro.

1. Introdução

Nos últimos anos a gestão das organizações brasileiras tem passado por constantes transformações, muitas delas estão ligadas ao movimento de globalização da economia e da cultura, promovido através da evolução da tecnologia da informação. Esta provê meios para que o conhecimento navegue numa via de mão-dupla global, no entanto o que vemos é uma dicotomia entre o Norte e Sul, tendo o hemisfério norte um caráter hegemônico. Esta hegemonia inquestionável dos países ditos “centrais” na produção e disseminação de gestão e conhecimento organizacional acaba por reforçar uma condição de subalternidade colonialista aos países periféricos (ROSA e ALVES 2011; WANDERLEY e BARROS 2019).

Este conhecimento de caráter universalizante ignora as idiossincrasias da sociedade e cultura brasileira, tendo como consequência a homogeneização nas práticas políticas, econômicas, sociais, culturais e científicas. Quando produzido fora da estrutura colonial, o conhecimento local é cerceado por uma espécie de “racismo epistêmico” que dispensa o conhecimento produzido fora de suas fronteiras sob o argumento de ser particularístico, ou seja, incapaz de alcançar a “universalidade” (MIGNOLO, 2006).

Como consequência observa-se uma grande presença de teorias e modelos de gestão produzidos no contexto dos países hegemônicos sendo aplicados e utilizados como referências nas práticas e pesquisas locais. A assimetria de informações e conhecimento ficou explícita na pesquisa empreendida por Martins, et al., (2013) na qual analisa a produção acadêmica nacional na área de administração pública no período de 1995 a 2010, publicada nos Anais dos Encontros Anuais da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (EnANPAD) e nos Anais dos quatro Encontros de Administração Pública e Governança (EnAPG) em 2004, 2006, 2008 e 2010. Nesta análise, verificou-se que as publicações na área de administração pública apresentaram crescimento de 9,9% a 12% no período, tanto em números absolutos quanto em proporcionalidade em relação aos outras áreas de pesquisa propostas nos EnANPAD. Percebeu-se a evolução das publicações na área,

o que reflete um maior interesse da academia no assunto. Por outro lado e como principal observação constatou-se uma participação baixíssima (mínima de 0,3% e máxima de 2,2%) de referências às obras clássicas do pensamento social brasileiro e de seus intérpretes em todo o período analisado, sendo os mais citados: Guerreiro Ramos (26%), Celso Furtado (17%) e Raimundo Faoro (11%). É importante notar que apenas estes três autores concentram mais de 50% das referências do pensamento interpretativo do Brasil (MARTINS, et al. 2013).

Estes resultados inseridos no contexto da produção de conhecimento hegemônico mostram certa incongruência em analisar nossas práticas, costumes, cultura e organizações singulares desprezando o pensamento daqueles que se debruçaram sobre estas, a fim de trazer à tona as bases de nossa formação. Nesta perspectiva, propomos uma reflexão a partir da crítica decolonial, movimento empreendido por intelectuais latino-americanos situados em diversas universidades das Américas para a renovação crítica e utópica das ciências sociais na América Latina no século XXI (BALLESTRIN, 2013).

Nesta esteira, temos na figura de Darcy Ribeiro uma importante contribuição na reflexão sobre o *status quo* das teorias produzidas e praticadas nas organizações brasileiras. Nascido em Montes Claros, Minas Gerais, e oriundo da Escola de Sociologia e Política de São Paulo, Darcy compreendeu a vocação da antropologia em sua tarefa de “elaborar uma teoria sobre o humano e sobre as variantes do humano e melhorar o discurso dos homens sobre os homens” (RIBEIRO, 1997 p.6). Desta maneira, Darcy Ribeiro mostra a sua procura por uma teoria da história alternativa (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2012), que tem como objetivo retirar o pensamento social brasileiro da subalternidade frente a uma teoria social universalizante. Em suas palavras, Darcy Ribeiro (2001, p.23) revela a sua “raiva possessa contra todos os que pensam que o intelectual do mundo subdesenvolvido tem que ser subdesenvolvido também”.

Visando uma alternativa à hegemonia imposta pelo conhecimento produzido fora da realidade local, pretende-se com este ensaio teórico resgatar a importância do discurso próprio, ouvido na voz de Darcy Ribeiro em suas reflexões sobre a condição de *ninguendade* inerente ao brasileiro. Fruto do processo de distinção de suas matrizes originais, e a partir de uma espécie de carência essencial, este povo se vê forçados a criar a sua própria identidade étnica: a brasileira (RIBEIRO, 1997).

Na tentativa de responder a indagação “Por que o Brasil não deu certo?”, Darcy sentia que faltava ao brasileiro uma construção sociológica dedicada, cuja luz nos tornasse explicáveis em seus próprios termos, fundada em nossa experiência histórica. Para ele, as teorizações oriundas de outros contextos eram todas eurocêtricas demais e por isso se mostravam impotentes para nos fazer inteligíveis. “Nosso passado, não tendo sido o alheio, nosso presente não era necessariamente o passado deles, nem nosso futuro um futuro comum” (RIBEIRO, 1997, p. 13). Ao propor essa discussão no livro *O Povo Brasileiro – a formação e sentido do Brasil* (1995), Darcy apresenta uma dialética que pode na compreensão da hegemonia euroestadunidense no conhecimento produzido e praticado em Administração.

Neste trabalho são levantadas provocações que levam a livres reflexões e conclusões. Os questionamentos, em forma de reflexões e de novas perguntas, podem ser mais relevantes do que conclusões que pudessem estabelecer um marco final e definitivo nesta temática (MENEGETT, 2011). O alvo é levantar discursos alternativos que possam descolonizar os estudos e práticas organizacionais na administração brasileira, que busquem um olhar que vá além da hegemonia, da colonialidade e da opressão. Parte deste cenário se dá pela hegemonização do conhecimento em administração/gestão pelo paradigma dominante do funcionalismo sociológico que deslegitima e destrói a riqueza dos múltiplos olhares (COSTA; BARROS; MARTINS, 2010).

O trabalho está estruturado da seguinte maneira: fundamentação acerca da perspectiva decolonial nas ciências sociais; apresentação das principais reflexões de Darcy Ribeiro

relativas à formação social brasileira e sua dialética da *ninguendade*; as possíveis contribuições das reflexões *darwinianas* à agenda descolonizadora nos estudos em administração/gestão e considerações finais.

2. Decolonialidade e as ciências sociais

No último quartel do século XX, observou-se a concretização no mundo acadêmico dos estudos pós-coloniais como rica fonte de conhecimento e releitura dos povos colonizados. Esta realidade também se consolidou na América Latina, considerada como parte do hemisfério não ocidental por alguns teóricos ligados às Epistemologias do Sul (SOUSA SANTOS, 2006).

Na busca de enfrentamento ao que Ianni (2005) chama de “Metáfora do espelho”, fenômeno no qual os pensadores Latino americanos refletem sobre as questões locais a partir de uma visão permeada de eurocentrismo, surgiu o grupo de pensadores decoloniais, tendo como principais expoentes Walter Dignolo, Enrique Dussel, Fernando Coronil, Aníbal Quijano, entre outros.

O Grupo conhecido como Modernidade/Colonialidade (M/C) foi se constituindo através de encontros, seminários, diálogos paralelos e publicações. Em 2000 foi lançada uma das publicações coletivas mais importantes do M/C: *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales*. Para Porto-Gonçalves (2005), a publicação é um marco nas ciências sociais, no qual o leitor encontrará uma refinada análise que sabe dialogar com o legado de conhecimento europeu, enquanto um legado que tem seu *topoi*. E na qual a crítica ao eurocentrismo é uma crítica à sua episteme, à sua lógica que opera por separações sucessivas e reducionismos vários.

Um dos principais constructos do grupo é o conceito de Colonialidade do Poder desenvolvido originalmente por Aníbal Quijano em 1989. Temos que as relações de colonialidade nas esferas econômica e política não findaram com a destruição do colonialismo. Se por um lado traz a denúncia da “continuidade das formas coloniais de dominação após o fim das administrações coloniais, produzidas pelas culturas coloniais e pelas estruturas do sistema-mundo capitalista moderno/colonial” (Grosfoguel, 2008, p.126). Por outro, possui uma capacidade explicativa que atualiza e contemporiza processos que supostamente teriam sido apagados, assimilados ou superados pela modernidade.

Uma consequência direta desse processo, e que impacta a área de estudos em administração é a colonialidade do saber. Edgardo Lander (2005) revela que as questões sobre a “objetividade” e “naturalidade” do conhecimento e das ciências sociais, quando concebidas por racionalidades coloniais/imperiais acabam por legitimar um projeto neoliberal modernizante. A “presumida” universalidade de saberes produzidos em um lugar de enunciação privilegiado da Europa está intrinsecamente conectada ao seu poder imperial. O resultado deste processo é uma “universalidade” necessariamente excludente.

Um dos pontos mais importantes na colonialidade do saber está diretamente associado àquilo que Dignolo (2005) chamou de “diferença colonial e geopolítica do conhecimento”. A diferença colonial gera a transformação da diferença cultural em valores e hierarquias raciais e patriarcais, por um lado, e geopolíticas, pelo outro. Já a geopolítica do conhecimento é um constructo similar à própria geopolítica da economia que reconhece que determinados conhecimentos são privilegiados enquanto outros são emudecidos conforme o local geopolítico em que este conhecimento é produzido.

Outro tema recorrente nas discussões do grupo M/C é a questão da modernidade como parte constitutiva da colonialidade. Dussel (1998) afirma em *Beyond Eurocentrism: The World-System and the Limits of Modernity* que a questão da modernidade é caracterizada por dois paradigmas opostos: o eurocêntrico e o planetário. O paradigma eurocêntrico constrói a modernidade como exclusivamente europeia, algo que se desenvolve na idade média e que

posteriormente se expande para outras partes do mundo. Ele argumenta que, dentro desse paradigma, acredita-se que a Europa tenha características internas excepcionais que justificam sua superioridade sobre outras culturas. Em contraste, o paradigma planetário posiciona a Europa como o centro de um sistema mundial, não como um sistema independente que se expandiu. Essa centralidade deriva da vantagem comparativa obtida com a colonização e integração da Ameríndia, que se tornou sua primeira "periferia". Esse paradigma planetário representa a modernidade como produto e não a causa da planetarização e do eurocentrismo como a ideologia que estabelece a legitimidade da dominação do "sistema mundo" por seu centro.

A importância da crítica decolonial se dá pelo fato de que, além de não representar um lugar de fala legítimo na narrativa latinoamericana, a crítica eurocentrada da noção de violência epistêmica elaborada por Foucault tornou-se insuficiente para captar o silêncio oriundo do racismo epistêmico (Maldonado-Torres, 2008) ou a negação da alteridade epistêmica (Castro-Gómez, 2005). Para Castro-Gómez, a noção de Foucault "deve ser ampliada para o âmbito de macroestruturas de longa duração (Braudel/Wallerstein), de tal maneira que permita visualizar o problema da "invenção do outro" de uma perspectiva geopolítica" (Castro-Gómez, 2005, p. 4). Desta forma, a contestação do paradigma eurocêntrico e a evocação de epistemologias alternativas fazem da crítica colonial um espaço para a revisitação dos pensadores sociais locais, alçando-os a uma posição de centralidade por vezes negada pelo universalismo.

3. Darcy Ribeiro e a *ninguendade*

Filho do farmacêutico Reginaldo Ribeiro dos Santos e da professora primária Josefina Augusta da Silveira Ribeiro, Darcy nasceu na Cidade de Montes Claros, em Minas Gerais, no dia 26 de outubro de 1922. Perdeu o pai aos três anos de idade, tendo sido criado pela mãe, também conhecida como Mestra Fininha. Por influência desta ingressou em 1939 no curso de medicina, mas sua pouca inclinação para a área fez com que o abandonasse em 1942 (FUNDAÇÃO DARCY RIBEIRO, 2020). Começa então a frequentar a Faculdade de Filosofia onde tem contato com autores como Marx, Freud e Schopenhauer, além de Carlos Drummond de Andrade e Jorge Amado que, entre outros, irão influenciar seu pensamento (SÁ, 2012).

Levado por esse interesse ingressa na Escola de Sociologia e Política de São Paulo, obtendo graduação em Antropologia no ano de 1946. Na cidade conhece Caio Prado Júnior, Oswald de Andrade, Mário de Andrade e Monteiro Lobato. Em 1947 Exerce cargo de etnólogo no Serviço de Proteção ao Índio ao lado do Marechal Cândido Rondon, dedicando seus primeiros anos de vida profissional ao estudo dos índios do Pantanal, Brasil Central e Amazônia. Por sua iniciativa é inaugurado no Rio de Janeiro o Museu do Índio em 1953 e elaborado o projeto de criação do Parque Nacional do Xingu, implementado mais tarde pelos irmãos Vilas-Boas (SÁ, 2012).

No Governo de Juscelino Kubitschek, Darcy envereda pela seara da educação, e ao lado de Anísio Teixeira elabora as diretrizes nacionais da área. Neste período passa integrar o corpo docente da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. Em 1959 é designado por JK para planejar a criação da Universidade de Brasília, sendo em 1961 o seu primeiro reitor (SÁ, 2012).

A partir do Golpe Civil-Militar de 1964, Darcy experimenta o exílio no Uruguai, Venezuela, Peru e Chile, retornando ao Brasil em 1976. Este período é marcado por uma profícua produção na área da antropologia das civilizações, sendo lançado os livros *Os índios e a civilização - a integração das populações indígenas no Brasil moderno* (1970); *As Américas e a civilização - processo de formação e causas do desenvolvimento cultural desigual dos povos americanos* (1970); *Os brasileiros - 1. teoria do Brasil* (1972); *O*

processo civilizatório - etapas da evolução sociocultural (1978); e *O dilema da América Latina - estruturas do poder e forças insurgentes* (1978) (FUNDAÇÃO DARCY RIBEIRO, 2020).

Vale mencionar as experiências políticas que Darcy Ribeiro teve em sua trajetória, filiando-se ao Partido Democrático Trabalhista (PDT) em 1979, foi vice governador do Estado do Rio de Janeiro entre 1983 a 1987, tendo como principal projeto a implantação dos Centros Integrados de Ensino Público (Cieps). Em 1991 foi eleito Senador pelo mesmo Estado (FUNDAÇÃO DARCY RIBEIRO, 2020). Além disso recebeu o título de Doutor Honoris Causa das Universidades Sorbonne, Montevideu, Conpenhague e Venezuela Central. Faleceu vítima de um câncer em Brasília, no dia 17 de fevereiro de 1997 (SÁ, 2012).

Ao contrário do movimento que se manifestava em círculos de intelectuais brasileiros, no qual existia uma espécie de subordinação mental e uma demasiada consciência do subdesenvolvimento brasileiro, Darcy Ribeiro foi claramente inclinado a participar do contundente debate nacional popular sobre a identidade cultural influenciado pelos ideais anticolonialistas que estavam ascendendo por volta dos anos 1950. Darcy se mostrou como um defensor atuante que via na antropologia fonte de conteúdos emancipadores que pudessem explicar os povos orientais, árabes e latino-americanos. Para Darcy, conceitos como escravismo, feudalismo, capitalismo e socialismo, inerentes e explicativos da civilização europeia, ainda que levem em conta suas diferenciações étnico-raciais, se revelavam estreitas para a compreensão da realidade social não europeia (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2012).

Com relação à obra de Darcy, podemos enxergar o autor como:

produtor de insights que, em que pese não advir de adesões às epistemologias pós-modernas, ou mais especificamente, pós-coloniais, derivam em adesões claras às ideias de uma modernidade plural e de autodeterminação dos povos. Sua ideia de nação, por exemplo, análoga a de povo pressupõe, não a síntese, mas as diferenças; seu elogio à miscigenação não funda um único estereótipo de brasileiro mas abre o leque de possibilidades do gênero humano, ampliando-o: dos sertões aos pampas, do litoral ao cerrado, constroem-se modos de produzir a vida material e cultural inéditos, criativos, que afirmam, a partir da negação do mito das três raças, os brasileiros, mais uma vez, no plural. (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2011, p. 15)

Em sua narrativa do *fazimento*, apresentada em “O Povo Brasileiro”, Darcy envereda por caminhos alternativos, além das explicações clássicas para a situação brasileira, ousa construir uma teoria sobre o Brasil na qual reproduz a gênese de nossa negativa ontologia. Para Darcy, o brasileiro não é exatamente uma identidade, mas uma maneira criativa de se colocar no mundo, consequente da destruição étnica dos povos que se encontraram no Brasil no século XVI. (MOTA, 2008) Em Darcy, temos a noção de que a maioria dos povos nascidos na América Latina é resultante do processo de deculturação “ao desindianizar os índios, desafricanizar os negros e deseuropeizar o europeu para nos fazermos.” (RIBEIRO, 1995, p.205) Assim, europeus, índios e africanos se refizeram de forma coercitiva e violenta para sobreviver. Surge então o Brasileiro, aquele que não era branco europeu, índio nativo ou escravo africano. Mestiçados, misturados e sem domínio dos costumes de cada um desses povos, sem falar a língua materna, sem conhecer seus credos e hábitos, passam a ser ninguém ou uma *ninguendade*. (MOTA, 2008)

Para Ribeiro (1995), em sua busca por uma identidade, o brasileiro se desgostava da ideia de não ser europeu, pois considerava inferiores os nativos e negros. Mesmo o filho de brancos nascido no Brasil se envergonhava de sua condição de filho da terra, o que lhe fazia ocupar uma posição inferior na sociedade, se comparado ao branco vindo da metrópole. Ainda

assim recusava o título de nativo, e discriminava brasilíndios mamelucos ao considerá-los índios. Surge a condição dialética da *ninguendade* como o dilema do brasileiro em sua busca por identidade, pois nascemos ninguém, recusando a mãe índia ou a mãe negra, e rejeitados fomos pelo pai português. A importância da dialética na compreensão deste processo histórico deriva do fato de que a história, ao nível dos conhecimentos presentes sobre o ser humano, não pode ser isolada da multiplicidade de fatos que a integram. É a partir deste processo que se pode falar de dialética como instrumento de compreensão de processos históricos (FURTADO, 1964). Em *O Povo Brasileiro*, este processo de dialético de construção de identidade se fez quando o neobrasileiro:

Sobrevivendo a todas as provações, no trânsito de negro boçal a negro ladino, ao aprender a língua nova, os novos ofícios e novos hábitos, aquele negro se refazia profundamente. Não chegava, porém, a ser alguém, porque não reduzia jamais seu próprio ser à simples qualidade comum de negro na raça e de escravizado. Seu filho, crioulo, nascido na terra nova, racialmente puro ou mestiçado, este sim, sabendo-se não africano como os negros boçais que via chegando, nem branco, nem índio e seus mestiços, se sentia desafiado a sair da *ninguendade*, construindo sua identidade. Seria, assim, ele também, um protobrasileiro por carência. O brasilíndio como o afrobrasileiro existiam numa terra de ninguém, etnicamente falando, e é a partir dessa carência essencial, para livrar-se da *ninguendade* de não índios, não europeus e não negros, que eles se veem forçados a criar a sua própria identidade étnica: a brasileira. (RIBEIRO, 1995, p.131)

Podemos observar a aderência das ideias de Darcy a crítica decolonial. Quijano (2005) dialoga com a percepção de *ninguendade* ao afirmar que:

aplicada de maneira específica à experiência histórica latino-americana, a perspectiva eurocêntrica de conhecimento opera como um espelho que distorce o que reflete. Quer dizer, a imagem que encontramos nesse espelho não é de todo quimérica, já que possuímos tantos e tão importantes traços históricos europeus em tantos aspectos, materiais e intersubjetivos. Mas, ao mesmo tempo, somos tão profundamente distintos. Daí que quando olhamos nosso espelho eurocêntrico, a imagem que vemos seja necessariamente parcial e distorcida. Aqui a tragédia é que todos fomos conduzidos, sabendo ou não, querendo ou não, a ver e aceitar aquela imagem como nossa e como pertencente unicamente a nós. Dessa maneira seguimos sendo o que não somos. E como resultado não podemos nunca identificar nossos verdadeiros problemas, muito menos resolvê-los, a não ser de uma maneira parcial e distorcida. (QUIJANO, 2005, p. 118)

Deste modo, as contribuições de Darcy Ribeiro podem ser alinhadas a crítica decolonial. Isso já foi aventado por Ballestrin (2013), Wanderley e Barros (2019), Romera e Miglievich-Ribeiro (2017) entre outros. Para Walter Mignolo (2003), Darcy tinha consciência de sua condição subalterna na geopolítica do conhecimento ao se ver como antropólogo do Terceiro Mundo, não do Primeiro Mundo, pois no primeiro ele está como objeto, jamais como sujeito do estudo. Desta maneira propomos revelar a importância de Darcy Ribeiro, já que existe uma carência de visões brasileiras na crítica decolonial, que privilegia a análise da América hispânica em detrimento da portuguesa e chama pouca atenção aos processos de colonialidade e subimperialismo dentro do continente, à exceção dos Estados Unidos (BALLESTRIN, 2013).

4. Darcy Ribeiro e suas contribuições para os estudos em administração brasileira

As ciências sociais, em especial a administração, sofrem grande influência da visão eurocêntrica do mundo. Ianni (1994) reflete sobre a transposição do centro hegemônico quando aborda o longo processo de transição da esfera da libra esterlina para a esfera do dólar, concretizado com a quebra da bolsa de Nova York em 1929, revelando a substituição do domínio da Inglaterra, Alemanha e França pelos Estados Unidos. Aliado isso temos o período pós-guerra, sobretudo após as bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki e posterior oferta de ajuda dos Estados Unidos ao Japão, que corrobora em mover o eixo da hegemonia do capitalismo da Europa para os Estados Unidos e também a governança de diversos campos de conhecimento, incluindo o da administração/gestão (ABDALLA; FARIA, 2017).

Nesta transição, o Terceiro Mundo substitui as colônias, e poderes emergentes são contidos. Além da crise de 1929 e do pós II Guerra Mundial, ao longo da Guerra Fria a *pax* americana substitui a *pax* britânica via projetos de modernização e desenvolvimento impostos ao resto do mundo. Via de regra estes projetos eram suportados pelo sistema financeiro comandado pelos EUA e por instituições de educação em administração/gestão. O propósito velado era manter a ordem capitalista liberal e tentar conter o avanço do bloco comunista e poderes emergentes (ALCADIPANI; BERTERO, 2012).

A reflexão sobre os efeitos da colonização em sociedades periféricas tomou outras proporções com a mudança de comportamento por parte dos EUA, que se limitava ao exercício do colonialismo interno durante a maior parte do século XIX, porém na virada do século XX, os EUA adquiriram um império colonial no exterior. Após a Segunda Guerra Mundial, o Estado da Guerra Fria se envolveu em políticas neocoloniais com países recém-descolonizados (PEASE, 2007). Diante do papel hegemônico do conhecimento euro-estadunidense, cria-se uma dicotomia Norte/Sul, sendo o Norte representado pelos países do hemisfério Norte, leia-se Europa e Estados Unidos da América e o Sul representados pelos países do hemisfério Sul, formado pelo conjunto de países e regiões que foram submetidos ao colonialismo europeu e que não atingiram níveis de desenvolvimento econômico comparáveis aos dos países do Norte (SOUSA SANTOS, 1995).

Isso se percebe nas características da produção acadêmica brasileira, em que é forte a influência de autores de origem norte americana. Bertero, Caldas e Wood Junior (2005) em trabalho sobre a produção científica acerca dos estudos organizacionais chegaram à conclusão que esta tem apresentado uma inclinação funcionalista. Além disto, concluem que tal produção tem adotado como referências autores americanos de foco gerencialista e de qualidade duvidosa, o que consequentemente compromete a qualidade da produção brasileira.

Além disso, para Costa, Barros e Martins (2010, p. 297) o paradigma funcionalista sociológico dominante na Administração tem provocado efeitos deletérios ao:

- (a) propor leis universais que regem os fenômenos observáveis; (b) procurar explicar e prever o que acontece no mundo social, buscando regularidades e relacionamentos causais entre seus elementos constituintes; (c) considerar as organizações como estruturas estáticas; (d) aplicar modelos e métodos das ciências naturais ao estudo de assuntos humanos; e (e) buscar revelar a dimensão trans-histórica da organização formal por meio de padrões regulares de comportamento organizacional.

Wanderley e Barros (2019) aventam que o papel proeminente do paradigma funcionalista na administração/gestão brasileira pode ser reflexo da disseminação do movimento de “Aliança para o Progresso” – ALPRO, lançada em 1961 pelo presidente dos EUA, J.F. Kennedy, como um projeto informado pela teoria da modernização que visava promover o desenvolvimento na América Latina e conter a disseminação do comunismo após

a Revolução Cubana. Consequentemente, a ALPRO levou a uma intervenção na educação gerencial no Brasil que significava influenciar as condições das estruturas governamentais e das escolas de administração e, consequentemente, a educação em administração.

Este caráter hegemônico dispensa o conhecimento produzido fora de suas fronteiras sob o argumento de ele ser particularístico, incapaz de alcançar a universalidade, já que é cerceado por aquilo que Mignolo (2006) chama de “racismo epistêmico”. Este racismo epistêmico é percebido em umas das principais barreiras que se levantam ao conhecimento local, que é a base linguística, alicerçada sobre o idioma inglês que é nativo na maioria dos países que detém a centralidade da produção científica. Como observado por Boyacigiller e Adler (1991), a maioria das teorias das organizações é *made in USA* e, portanto, é influenciada pelo contexto político, econômico e cultural dos Estados Unidos, privilegiando o conhecimento produzido endogenamente.

Para quebrar a lógica colonizada, Rosa e Alves (2011) apontam que os pesquisadores locais não alinhados a uma mentalidade universalizante são os atores ideais para propor uma ruptura e a formulação das mudanças em seu campo acadêmico. Segundo eles essa produção de conhecimento seria “a possibilidade de olhar nossa própria forma de narrar a gestão e as organizações brasileiras, a partir de nossos próprios recursos linguísticos e nossas próprias capacidades de falar e escrever sobre nós mesmos” (ROSA e ALVES, 2011 p.263).

Em observância a este quadro de assimetria e injustiça no campo de administração/gestão, que acaba por subalternizar os saberes do resto do mundo, Abdalla e Faria (2017) analisam a posição marginal e o potencial da perspectiva decolonial no Brasil. Os autores sugerem a co-construção de uma agenda em administração/gestão no (e a partir do) Brasil que promova conhecimentos e práticas informados pela opção decolonial sob uma perspectiva transcosmopolita, que se caracteriza como um ponto de equilíbrio entre o cosmopolitismo eurocêntrico e o regionalismo, continentalismo, ou nacionalismo.

Para Abdalla e Faria (2017), a opção decolonial em si é uma contribuição transcosmopolita, ao invés de latino-americanista ou essencialista. Os autores tomam como base o conceito de “transmodernidade” proposto do Enrique Dussel (2016). A transmodernidade é composta por aspectos “além (e também, cronologicamente, ‘anteriores’) das estruturas valorizadas pela cultura euro-americana moderna, e que atualmente estão em vigor nas grandes culturas universais não europeias” (DUSSEL, 2016, p. 63) e consequentemente foram se movendo em direção a uma utopia pluriversal.

Porém, como visto, o que se observa na teoria e prática no campo dos estudos organizacionais é a transposição irrefletida dos modelos de gestão alienígenas, que sofrem dificuldade de implementação devido ao cenário organizacional brasileiro ser muito distinto do norte-americano e das outras nações hegemônicas. Assim, a ação irrefletida ou desprovida de maior análise para as organizações brasileiras é considerada temerária. Guerreiro Ramos (1983, p.5) afirma que “muito do que se admite como tranquilamente verdadeiro nos Estados Unidos, no campo da teoria administrativa, não é válido para nações em desenvolvimento e, particularmente, no Brasil”. Mesmo assim, em diversas funções dentro da administração encontra-se uma vasta literatura estrangeira que reúne um conjunto de sugestões, anedotas, conjecturas, resultados de pesquisa e etc.

Propomos neste trabalho que os estudos em administração brasileira sejam vistos segundo a perspectiva da *ninguendade*, abordada por Darcy Ribeiro em “O Povo Brasileiro”. Na análise de Darcy Ribeiro, o neobrasileiro rejeitava as suas raízes nativas oriundas dos índios e negros e buscava se identificar com a figura do colonizador, branco e europeu. Porém este o desprezava por ser fruto da mestiçagem, por não representar o estereótipo do europeu da modernidade, por *não ser* “desenvolvido” e “civilizado”.

Ora, supõe-se que essa é a visão que ainda predomina na produção e reprodução em gestão/administração. A academia e os profissionais de mercado brasileiros se voltam para a

produção de conhecimento dos países centrais, muitas vezes rejeitando a produção e as reflexões dos pensadores locais e insistindo em aplicar em nosso ambiente e cultura modelos importados. Porém, tais modelos podem apresentar graus de efetividade questionáveis. Por sua vez, os representantes dos países centrais, guiados por inspirações colonialistas, veem as produções dos países subalternos como locais, particularistas e subdesenvolvidas.

O dilema que se apresenta é que, a área de estudos organizacionais brasileira, tal como o neobrasileiro, muitas vezes rejeita as suas produções, reflexões e pensamento social local e busca uma identificação com o pensamento central e universalizante dos colonizadores, porém estes os desprezam, por não estarem alinhados com o *mainstream* dos estudos em gestão/administração. O que temos então é uma manifestação contemporânea da *ninguendade* descrita por Darcy Ribeiro no campo organizacional, a ausência de identidade, representada dialeticamente pelo *não ser*. Ciente dessa condição caberia então a formulação de novos modos de engajamento que permitam aos sujeitos buscar interesses e objetivos atualmente excluídos pelos discursos dominantes sobre administração. Neste sentido, a contribuição dos estudos em administração/gestão deve focar nos processos de desreificação e desenvolvimento do conhecimento, de maneira a “facilitar a capacidade dos sujeitos de compreender a si mesmos e seus problemas de novas maneiras; ler e expressar suas próprias realidades organizacionais de novas maneiras, através da criação de seus próprios textos” (JOHNSON; DUBERLEY, 2000, p.190, tradução do autor).

Darcy Ribeiro tinha objetivo de construir uma perspectiva epistêmica autônoma, inovadora e salutar que fosse de encontro ao modelo eurocentrado (MIGLIEVICH-RIBEIRO; ROMERA, 2018). Parafraseando Pierre Bourdieu, quando afirmou que “A sociologia é um esporte de combate”, podemos dizer que Darcy Ribeiro foi um verdadeiro combatente, pois como poucos, aliou trabalho intelectual e político. Para Miglievich-Ribeiro e Romera (2018, p. 133) o empenho e responsabilidade de Darcy “na elaboração de suas obras, as quais se confundem com sua caminhada ‘militante’, foram os de um observador comprometido, que compara e interpreta, com a perspectiva orientada para a conjuntura do que foi e do que pode ser”. Neste esporte mencionado por Bourdieu a reflexividade epistêmica é imperativa, o que implica pensar nas regras e nas possibilidades de diferentes regras e diferentes jogos possíveis. Cabe então questionar: para quem é o jogo? E quais devem ser as regras? (JOHNSON; DUBERLEY, 2000).

O que se propõem neste ensaio é que a pesquisa e o conhecimento brasileiro na área organizacional sejam projeções das reflexões produzida no Brasil. Similarmente ao desejo de Gayatri Spivak em “Pode o subalterno falar?” (2010), em que temos a busca de um espaço para que a voz dos subalternos seja ouvida, buscamos a elevação do pensamento nacional a esse lugar de fala no qual o “eu” possa utilizar suas próprias categorias. Assim, não nos parece razoável que o multifacetado pensamento social brasileiro, e em especial o de Darcy Ribeiro, continue sendo ignorado na produção e na prática organizacional em beneficiamento de modelos transplantados oriundos de um ideal universalizante e colonizador, que é limitado e condicionado por fatores históricos e sociais.

5. Considerações finais

O campo de estudos organizacionais apresenta uma perspectiva crítica em relação aos conteúdos de caráter eurocêntrico que são produzidos e praticados no contexto brasileiro. Na pesquisa realizada por Martins, et al., (2013) percebe-se como a ausência de pensadores brasileiros é evidente nas pesquisas empreendidas na academia nacional. Isto levanta uma discussão sobre os lugares epistêmicos e paradigmas que têm sido utilizados nos estudos voltados às organizações brasileiras.

Neste trabalho propomos uma reflexão acerca da contribuição da crítica decolonial e do Pensamento Social Brasileiro, em especial o pensamento de Darcy Ribeiro como via de

análise nos estudos organizacionais que possa subsidiar um novo olhar à realidade organizacional e acadêmica no campo da Administração, que como vimos em trabalhos teóricos e empíricos, ainda padece de novas alternativas. “Para isso faz-se necessário construir teorias que autorizem o novo, que não o mutilem em incompatíveis mapas de conceitos marcados pela tradição dominante” (MISOCZKY; AMANTINO-DE-ANDRADE 2005, p. 230) e perceber que “novas perguntas podem deslocar o foco de análise do exógeno para o local, o que pode contribuir para o desenvolvimento de análises mais críticas sobre ideologias administrativas correntes” (COSTA; BARROS; MARTINS, 2010, p. 297). Nesse sentido, é preciso que as ciências sociais avancem de maneira autônoma e inovadora, construindo sobre as bases já lançadas novas estradas que poderão nos levar a novos destinos.

Na figura de intérprete do Brasil, constata-se nas contribuições de Darcy Ribeiro esse olhar, especialmente quando trabalhamos o conceito de *ninguendade*. Espera-se que, conscientes de nossa singular formação social, cultural e econômica, seja possível buscarmos nossa identidade como academia e prática na administração brasileira, sem rejeitarmos nossas origens e tampouco aceitarmos de maneira acrítica as produções eurocêtricas que constantemente nos são propostas.

Darcy reconheceu que a superação da *ninguendade* ainda não se deu por completa, exceto como promessa, e deixa explícito o seu desejo futuro de Brasil ao tecer a afirmação que “Nosso destino é nos unificarmos com todos os latino-americanos por nossa oposição comum ao mesmo antagonista, que é a América anglo-saxônica, para fundarmos, tal como ocorre na comunidade europeia, a Nação Latino-Americana sonhada por Bolívar” (RIBEIRO, 1995, p.455).

Para futuras reflexões, sugerimos estudos que possam dar continuidade a análise feita por Martins et al. (2013) a fim de verificar a evolução (ou não) do uso de autores do Pensamento Social Brasileiro em estudos organizacionais. Outras possibilidades estão na construção de diálogos entre as contribuições de Darcy Ribeiro e de outros pensadores sociais brasileiros às obras dos autores alinhados ao “Giro Decolonial”, a fim de reafirmar um espaço de análise organizacional que valorize os conhecimentos produzidos para e no contexto brasileiro. Além disso, estudos que identifiquem na prática das organizações a manifestação da *ninguendade* seriam relevantes para o aprofundamento desta abordagem na análise organizacional.

Referências:

ABDALLA, Márcio Moutinho; FARIA, Alexandre. Em defesa da opção decolonial em administração/gestão. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, p. 914-929, dez. 2017.

ALCADIPANI, Rafael; ROSA, Alexandre Reis. O Pesquisador como o outro: Uma leitura Pós-Colonial do “Borat” brasileiro. **RAE**, São Paulo, v. 50, n. 4, p.255-264, out. 2010.

ALCADIPANI, R.; BERTERO, C. O. Guerra fria e ensino do management no Brasil: o caso da FGV-EAESP. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, v. 52, n. 3, maio-junho, p.284-299, 2012.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Rev. Bras. Ciênc. Polít.**, Brasília, n. 11, p. 89-117, ago. 2013.

BERTERO, Carlos Osmar; CALDAS, Miguel P.; WOOD JUNIOR, Thomaz. **Produção Científica em Administração no Brasil**: o estado-da-arte. São Paulo: Atlas, 2005.

BOYACIGILLER, Nakiye Avdan; ADLER, Nancy J.. The Parochial Dinosaur: organizational science in a global context. : Organizational Science in a Global Context. **The Academy Of Management Review**, [s.l.], v. 16, n. 2, p. 262, abr. 1991.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. **La hybris del punto cero: ciencia, raza e ilustración en la Nueva Granada (1750-1816)**. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2005.

COSTA, Alessandra de Sá Mello da; BARROS, Denise Franca; MARTINS, Paulo Emílio Matos. Perspectiva histórica em administração: novos objetos, novos problemas, novas abordagens. **Revista de Administração de Empresas**, [s.l.], v. 50, n. 3, p. 288-299, set. 2010.

DUSSEL, Enrique. Beyond Eurocentrism. **The Cultures Of Globalization**, [s.l.], p.3-31, Duke University Press.1998.

DUSSEL, Enrique. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. **Soc. estado.**, Brasília , v. 31, n. 1, p. 51-73, abr. 2016.

LANDER, Edgardo. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêntricos. In: EDGARDO LANDER (Buenos Aires) (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005.

FUNDAÇÃO DARCY RIBEIRO (Brasil). **Cronologia e Bibliografia**. Disponível em: <https://www.fundar.org.br/darcy/cronologia>. Acesso em: 14 mar. 2020.

FURTADO, Celso. **Dialética e Desenvolvimento**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1964.

GROSGOUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, [s.l.], n. 80, p.115-147, 1 mar. 2008.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. **Administração e contexto brasileiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1983.

IANNI, Octavio. **O colapso do populismo no Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.

IANNI, Octavio. **Enigmas do pensamento latinoamericano**. Campinas. IFCH/Unicamp, nº125, 2005.

JOHNSON, Phil; DUBERLEY, Joanne. **Understanding Management Research: an introduction to epistemology**. Londres: Sage Publications, 2000.

MALDONADO-TORRES, Nelson. A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, império e colonialidade. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, [s.l.], n. 80, p.71-114, 1 mar. 2008.

MARTINS, Paulo Emílio Matos et al. Referências aos Clássicos Interpretativos do Brasil no Pensamento Acadêmico Contemporâneo sobre Administração Pública” In: Martins. Paulo

Emílio Matos e Gurgel. Cláudio (Org.) **Estado, organização e pensamento social brasileiro**. Niterói: EDUFF, 2013.

MENEGHETTI, Francis Kanashiro. O que é um ensaio-teórico?. **Rev. adm. contemp.**, Curitiba , v. 15, n. 2, p. 320-332, abr. 2011.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adélia. Darcy Ribeiro e o enigma Brasil: um exercício de descolonização epistemológica. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 26, n. 2, p.23-49, mai. 2011.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adélia. Da ninguendade ao povo brasileiro: um ensaio sobre a antropologia dialética de Darcy Ribeiro. In: MARTINS, Paulo Emilio Matos; MUNTEAL, Oswaldo (Org.). **O Brasil em evidência: a utopia do desenvolvimento**. Rio de Janeiro: FGV, 2012.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adélia; ROMERA, Edison. Orientações para uma descolonização do conhecimento: um diálogo entre Darcy Ribeiro e Enrique Dussel. **Sociologias**, Porto Alegre , v. 20, n. 47, p. 108-137, abr. 2018

MIGNOLO, Walter. **Historias locales/disenos globales**: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo. Tres Cantos: Ediciones Akal, 2003.

MIGNOLO, Walter. Prophets Facing Sidewise: The Geopolitics of Knowledge and the Colonial Difference. **Social Epistemology**, [s.l.], v. 19, n. 1, p.111-127, jan. 2005.

MIGNOLO, Walter. Os esplendores e as misérias da “ciência”: colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluriversalidade epistêmica. In: SOUSA SANTOS, B. (Org) **Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MISOCZKY, Maria Ceci; AMANTINO-DE-ANDRADE, Jackeline. Uma crítica à crítica domesticada nos estudos organizacionais. **Rev. adm. contemp.**, Curitiba , v. 9, n. 1, mar. 2005.

MOTA, Maria Regina Paula. Tupi or not tupi: a dialética da ninguendade no cinema brasileiro. **Matrizes**, São Paulo, v. 1, n. 2, p.193-206, abr. 2008.

PEASE, Donald E. US Imperialism: global dominance without colonies. : Global Dominance without Colonies. **A Companion To Postcolonial Studies**, [s.l.], p. 203-220, 26 nov. 2007. Blackwell Publishing Ltd.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Apresentação da edição em português. In: EDGARDO LANDER (Buenos Aires) (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.) **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro**: A formação e o sentido do Brasil. 2. ed. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

RIBEIRO, Darcy. Depoimento de Darcy Ribeiro, **BIB**, Rio de Janeiro, n.44 2. sem. 1997.

RIBEIRO, Darcy. **O Processo Civilizatório**. São Paulo: Companhia Das Letras, 2001.

ROMERA JUNIOR, Edison; MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia Maria. Geopolítica do conhecimento e descolonização epistemológica em Darcy Ribeiro. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, [s.l.], v. 3, n. 2, p.1-15, 15 dez. 2017.

ROSA, Alexandre Reis; ALVES, Mario Aquino. Pode o conhecimento em gestão e organização falar português? **RAE**, São Paulo, v. 51, n. 3, p. 255-264, Junho 2011.

SÁ, Fernando. Darcy, um brasileiro. In: MARTINS, Paulo Emilio Matos; MUNTEAL, Oswaldo (Org.). **O Brasil em evidência: a utopia do desenvolvimento**. Rio de Janeiro: FGV, 2012.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. *Toward a New Common Sense: law, science and politics in the paradigmatic transition*. Cambridge: Cambridge University Press., 1995.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. **Conocer desde el Sur**: Para una Cultura Política Emancipatoria. Lima: FCS/UNMSM 2006.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

WANDERLEY, Sergio; BARROS, Amon. The Alliance for Progress, modernization theory, and the history of management education: The case of CEPAL in Brazil. **Management Learning**, [s.l.], p.1-18, 18 set. 2019.